

Experiência do adoecimento por câncer de próstata: interface com a masculinidade na perspectiva de Pierre Bourdieu

Experience of illness from prostate cancer: interface with masculinity from the perspective of Pierre Bourdieu

Experiência do adoecimento por câncer de próstata: interface com a masculinidade na perspectiva de Pierre Bourdieu

Recebido: 16/02/2022 | Revisado: 03/03/2022 | Aceito: 11/03/2022 | Publicado: 19/03/2022

Bruna Knob Pinto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8877-8874>
Faculdades Integradas Machado de Assis, Brasil
E-mail: brunaknob@fema.com.br

Rosani Manfrin Muniz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5642-7842>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: romaniz@terra.com.br

Elisiane Bisognin

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7249-9061>
Faculdades Integradas Machado de Assis, Brasil
E-mail: elisbisognin@yahoo.com.br

Gabriele Schek

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8476-788X>
Faculdades Integradas Machado de Assis, Brasil
E-mail: gabriele@fema.com.br

Paulo Roberto Mix

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5762-7678>
Faculdades Integradas Machado de Assis, Brasil
E-mail: paulomix@fema.com.br

Rosa Maria Zorzan

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7648-8562>
Faculdades Integradas Machado de Assis, Brasil
E-mail: rosa.zorzan@hotmail.com

Resumo

A masculinidade na sociedade atual incorpora os processos históricos e culturais transgeracionais. Expressões cotidianas como “homem de verdade não adoecer”, “homem que é homem não sente dor”, “procurar médico é coisa de mulher” são propagadas na retórica popular e retratam exigências sociais consideradas como partes constituintes da essência masculina que demonstram autonomia, força, comportamentos de riscos, controle das emoções e de sentimentos. O objetivo deste estudo objetivo conhecer a construção social e cultura de ser homem gaúcho na perspectiva de Pierre Bourdieu. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e interpretativa, por meio dos conceitos de dominação masculina de Pierre Bourdieu realizado com nove homens em tratamento por câncer de próstata. A coleta de dados correu por meio de uma entrevista semiestruturada e para análise de dados utilizou-se a análise temática. O projeto obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer nº 2.608.801. De acordo com os resultados, o significado de ser homem revelou a construção social e a superioridade masculina diante do feminino. O ser homem foi relacionado ao sustento da casa e a força física. Tal visão de superioridade costuma ser uma construção social e cultural perpassada por gerações. Nessa perspectiva, tais demonstrações de superioridade, de coragem e nobreza seriam socialmente esperadas do verdadeiramente homem. Neste contexto conclui-se que as concepções sociais de dominação masculina influenciam a forma como os homens vivem, tendo em vista que sua constituição de identidade psicossocial marcada por valores, comportamentos e atitudes socioculturalmente construídos.

Palavras-chave: Neoplasias da próstata; Masculinidade; Saúde do homem; Enfermagem.

Abstract

Current society's masculinity incorporates historical and cultural processes, which are transgenerational. Expressions used on a daily basis such as “real men don't get sick”, “real men don't feel pain”, “seeking medical advice is women's thing” are widespread in the popular rhetoric and reflect social demands that consider autonomy, strength,

risk-seeking behaviors, and emotional control as part of the male essence. The goal of this study is to understand the social and cultural construction of being a southern Brazilian man (gaúcho) according to the perspective of Pierre Bourdieu. It consists of a qualitative, interpretative study analyzed through the concepts of male domination of Pierre Bourdieu performed with nine men undergoing treatment for prostate cancer. Data collection was performed through a semi-structured interview, and thematic analysis was used for data analysis. An Ethics Committee approved this research project (under number 2.608.801). According to our results, being a man involves a social construction of superiority in comparison with women. Being a man was related to physical strength and providing money to the house. This vision of superiority is usually a social construction passed through generations. In this perspective, these demonstrations of superiority, courage, nobility would be expected from the real man. Therefore, we can conclude that social conceptions of male dominance influence the way which men live, as their psychosocial identity is marked by values, behaviors and attitudes that are socially constructed.

Keywords: Prostate neoplasms; Masculinity; Men's health; Nursing.

Resumen

La masculinidad en la sociedad actual encarna procesos históricos y culturales transgeneracionales. Expresiones cotidianas como "un hombre de verdad no se enferma", "un hombre que es hombre no siente dolor", "buscar médico es cosa de mujeres" se propagan en la retórica popular y retratan demandas sociales consideradas como partes constitutivas de la esencia masculina que demuestra autonomía, fortaleza, conductas de riesgo, control de emociones y sentimientos. El objetivo de este estudio es conocer la construcción social y cultural del ser gaúcho desde la perspectiva de Pierre Bourdieu. Se trata de un estudio con enfoque cualitativo e interpretativo, utilizando los conceptos de dominación masculina de Pierre Bourdieu, realizado con nueve hombres en tratamiento por cáncer de próstata. La recolección de datos se realizó a través de una entrevista semiestructurada y se utilizó el análisis temático para el análisis de datos. El proyecto fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación, bajo el dictamen n° 2.608.801. Según los resultados, el significado de ser hombre reveló la construcción social y la superioridad masculina sobre la femenina. Ser hombre estaba relacionado con el sustento de la casa y la fuerza física. Tal visión de superioridad suele ser una construcción social y cultural que se transmite de generación en generación. En esta perspectiva, tales demostraciones de superioridad, coraje y nobleza serían socialmente esperadas del verdadero hombre. En este contexto, se concluye que las concepciones sociales de la dominación masculina influyen en la forma de vivir de los hombres, dado que su constitución de una identidad psicossocial está marcada por valores, conductas y actitudes construidas socioculturalmente.

Palabras clave: Neoplasias de próstata; Masculinidad; Salud de los hombres; Enfermería.

1. Introdução

A masculinidade na sociedade atual incorpora os processos históricos e culturais transgeracionais. Expressões cotidianas como "*homem de verdade não adoecer*", "*homem que é homem não sente dor*", "*procurar médico é coisa de mulher*" são propagadas na retórica popular e retratam exigências sociais consideradas como partes constituintes da essência masculina que demonstram autonomia, força, comportamentos de riscos, controle das emoções e de sentimentos (Bonilha & Lima, 2019). Assim, o sexo masculino é visto, por vezes, como o mais forte, mais capaz e mais racional (Santos et al, 2020)

Segundo Lima *et al* (2013), o que a sociedade considera como ações masculinas ou femininas, pouco ou nada tem relação com a natureza biológica e fisiológica de cada corpo. Contudo, a sexualidade e a identidade de gênero ratificam no homem a necessidade da manutenção da força e da autonomia perante os outros. Ainda, não se pode negar a existência das ideias de invulnerabilidade e os comportamentos de risco, consideradas como partes constituintes da essência masculina.

Para Bourdieu (2016), as diferenças identificadas entre homens e mulheres no que diz respeito ao corpo, aos comportamentos e, em especial, à sexualidade constituem um dos mais fortes sistemas de referência para as interações sociais. Nesse sentido, ao compreender que os corpos e a sexualidade são também objetos de intervenção dos profissionais de saúde, esse sistema apresenta-se como fundamental na orientação da estrutura dos serviços e das práticas de cuidado (Pinheiro et al., 2012).

O reconhecimento da influência da masculinidade nos processos de adoecimento já vem sendo foco de algumas discussões (Silva & Melo, 2021; Cesaro et al., 2018). Conforme Coutinho (2014) e Figueiredo (2005), o modelo de masculinidade idealizado tem sido relacionado a um aumento do risco de doenças e dos índices de mortalidade masculina,

ao se considerar comportamentos pautados pela exacerbação da virilidade, da honra, da força, do autocontrole emocional, da agressividade, além da ausência de hábitos de cuidado da saúde. Ainda neste contexto, existe a dificuldade na implementação de políticas públicas relacionadas a saúde do homem ocorrida, principalmente, pela construção da masculinidade, ou seja, a construção social da masculinidade se processa desde o início da vida através das diferenças na socialização de meninos e meninas, fazendo com que os meninos não sejam motivo de preocupações por parte dos adultos, dessa forma, na idade adulta têm sua qualidade de vida afetada, permitindo se expor a situações de riscos e resistindo cuidar de sua saúde (Souza, et al., 2022).

Ao ser socialmente construído de modo a ocupar e afirmar uma posição de sujeito forte, viril e com postura sexualmente ativa, o homem costuma apresentar dificuldades e resistência para cuidar da própria saúde. (Martins & Nascimento, 2020).

Nesse contexto, buscar os serviços de saúde, é reconhecer a necessidade de cuidados e aceitar suas fragilidades, pondo à prova sua própria masculinidade (Couto *et al.*, 2010; Scott, 2010; Gomes *et al.*, 2010). Tais constatações corroboram com a crença de que as concepções sociais podem dificultar a ida dos homens aos serviços de saúde, favorecendo o adoecimento. Essa postura está relacionada a uma série de fatores de ordem social, cultural e, até mesmo, sexual (Alves & Schmanski, 2015).

A população masculina constrói sua masculinidade embasada em paradigmas relacionados à autossuficiência e à invulnerabilidade. Esse fato tem os levado a não dar a atenção necessária à saúde, uma vez que o cuidado ainda é responsabilidade da mulher. Nesse contexto, faz-se necessário compreender a masculinidade como produto dos determinantes sociais e considerar a saúde do homem como um bem público que merece igualdade como direito humano (Brasil, 2008).

A masculinidade pode ser vista como um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, por meio de preceitos que devem ser seguidos sem questionar por aqueles que desejam receber o atestado de masculinidade. Em relação aos diversos modelos de masculinidade, aquele que se destaca, é mais valorizado e concentra maior poder, se apropriando de outros modelos, pode ser considerado hegemônico. Tal modelo, tido como ideal, ao mesmo tempo, se impõe e se relaciona com os modelos alternativos ou subordinados, apesar de não ser uma unanimidade. No modelo da masculinidade hegemônica, destacam-se como marcos estruturantes a dominação e a heterossexualidade (Gomes *et al.*, 2008).

Para Bourdieu (2016), as diferenças identificadas entre homens e mulheres no que diz respeito ao corpo, aos comportamentos e, em especial, à sexualidade constituem um dos mais fortes sistemas de referência para as interações sociais. Nesse sentido, ao compreender que os corpos e a sexualidade são também objetos de intervenção dos profissionais de saúde, esse sistema apresenta-se como fundamental na orientação da estrutura dos serviços e das práticas de cuidado (Martínez-Gómez et al., 2021).

Diante do exposto, o estudo tem como objetivo conhecer a construção social e cultural de ser homem gaúcho na perspectiva de Pierre Bourdieu.

2. Metodologia

Este estudo é parte integrante da tese intitulada: experiência do adoecimento por câncer de próstata: interface com a masculinidade, teve por objetivo compreender a experiência do adoecimento por câncer de próstata e a interface com a masculinidade na perspectiva de Pierre Bourdieu.

Estudo de abordagem qualitativa e interpretativa, por meio dos conceitos de dominação masculina de Pierre Bourdieu (2016). Esse tipo de abordagem permite desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos

particulares, avaliando como as pessoas caracterizam uma dificuldade e quais ideias, anseios e sentidos encontram-se associados a determinados fenômenos. A pesquisa qualitativa trabalha com a realidade social, na qual o ser humano pensa sobre o que faz e interpreta suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2015).

Para a realização desse estudo, foi respeitado os preceitos éticos da Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) 564/2017, artigos 89, 90 e 91, das responsabilidades e deveres e, também, artigos 94 e 98, das proibições, a Resolução 466/12 de competência do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que expõe diretrizes sobre pesquisa com seres humanos (Brasil, 2012), recebendo aprovação sob parecer nº 2.608.801.

O estudo foi desenvolvido no serviço de oncologia do Hospital de Ensino de Pelotas, no Rio Grande do Sul, local em que foram identificados os nove participantes do estudo (homens em tratamento por câncer de próstata) e no domicílio local em que foram realizadas as entrevistas. Realizou-se também a observação simples com anotações em diário de campo no hospital quanto no domicílio.

Após a obtenção da relação dos homens em tratamento por câncer de próstata e, conforme a agenda de acompanhamento desses homens no serviço, a pesquisadora foi ao serviço, nos dias e horários pré-estabelecidos, com a finalidade de realizar um encontro face a face com cada participante. A coleta de dados ocorreu no período de maio a dezembro de 2018. Neste primeiro contato, foram explicitados os objetivos, os benefícios e os riscos da pesquisa. Para aqueles participantes que aceitaram participar foi agendado uma entrevista, para apresentação formal e início da coleta dos dados que aconteceu após assinatura do termo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias.

A análise dos dados foi desenvolvida conforme a Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2006). Para as autoras, a análise temática é um método para identificar, relatar e analisar determinados padrões (temas), dentro de um conjunto de dados, descritos de forma detalhada.

3. Resultados e Discussão

Caracterização dos participantes

No quadro abaixo são apresentados os dados de caracterização dos nove homens participantes do estudo.

Quadro 1 – Caracterização dos homens participantes da pesquisa.

<i>PARTICIPANTE</i>	<i>IDADE</i>	<i>ESTADOCIVIL</i>	<i>OCUPAÇÃO</i>	<i>RELIGIÃO</i>	<i>ESCOLARIDADE</i>	<i>ANOS DE DIAGNÓSTICO</i>	<i>TRATAMENTOS</i>	<i>LOCAL</i>
Nelson	74 anos	Casado	Agricultor aposentado	Evangélico	Fundamental incompleto	2 anos	Hormonioterapia	Zona rural
João	63 anos	Casado	Pedreiro	Evangélico	Fundamental incompleto	1 ano	Hormonioterapia Quimioterapia	Zona Urbana
Luiz Henrique	87 anos	Viúvo	Agricultor aposentado	Católico	Fundamental incompleto	10 anos	Hormonioterapia Radioterapia	Zona rural
Saymon	75 anos	Casado	Aposentado	Católico não praticante	Analfabeto	2 anos	Cirurgia Quimioterapia Hormonioterapia Radioterapia	Zona urbana
Diego	82 anos	Casado	Agricultor aposentado	Crença em Jesus	Fundamental incompleto	11 anos	Quimioterapia Hormonioterapia Radioterapia	Zona rural
Oswaldo	75 anos	Casado	Motorista aposentado	Evangélico	Fundamental incompleto	5 anos	Quimioterapia Hormonioterapia Radioterapia	Zona urbana
Paulo	67 anos	Casado	Agricultor aposentado	Católico	Fundamental incompleto	2 anos	Cirurgia Quimioterapia Hormonioterapia	Zona urbana

Carlos	75 anos	Casado	Bombeiro Hidráulico aposentado	Católico	Fundamental incompleto	2 anos	Hormonioterapia	Não informado
Airton	74 anos	Casado	Agricultor Açougueiro Aposentado	Católico	Fundamental incompleto	3 anos	Hormonioterapia	Zona rural

Fonte: Autores.

De acordo com os dados acima, observou-se que a faixa etária dos participantes variou dos 63 aos 87 anos. A maioria eram casados e católicos. Quanto à ocupação laboral, a maior quantidade foi de agricultores aposentados. Referente à escolaridade, a maioria possui ensino fundamental incompleto. A média de anos de diagnóstico foi de quatro anos.

“Ser homem é tudo e complicado”: construção social e cultural do homem gaúcho

Ninguém é naturalmente homem ou mulher. Esses significados são socialmente construídos por meio de processos educacionais, que definem e moldam as identidades de sexo e gênero. Dessa forma, o conceito de gênero se apoia na concepção de que as diferenças sexuais são construções sociais, culturais e históricas, que estão constantemente sujeitas a modificações de tempo e espaço. Contudo, essas construções encontram-se inscritas em uma relação de poder, de dominação do masculino (Bourdieu, 2016).

Nessa perspectiva, quando se opta por criar um menino junto ao galpão, com os peões, a fim de ser educado como um homem para a lida campeira, há uma negação da expressão de outras identidades de ser homem, devendo esse não demonstrar fragilidades nem ser covarde. Nesse contexto, são interpostas as fronteiras que diferenciam homens e mulheres no interior da cultura (Antunes, 2003).

Assim, pode-se inferir que a cultura gaúcha constrói significados, legitima, privilegia e hierarquiza os papéis que homens e mulheres devem (ou deveriam) ocupar dentro da sociedade. Dessa forma, falar de cultura gaúcha, muito mais que pensar na figura mítica do homem pilchado, ligado ao cavalo, ao campo e, porque não dizer, ao espaço geográfico (Rio Grande do Sul) de nascimento, implica falar em produção de significados e discursos que produzem a representação de um grupo em particular, com modos de vida particulares. Envolve falar da identidade do gaúcho, do ser masculino, da diferença dessa para todas as outras identidades (Antunes, 2003).

Portanto, na visão em que o androcentrismo se impõe, a diferença entre os sexos (o corpo masculino e o feminino), especialmente as diferenças anatômicas entre os órgãos sexuais, pode ser vista como justificativa natural das diferenças socialmente construídas, ratificando novamente a dominação masculina. A justificativa dessa dominação pode ser compreendida por meio do conceito de *habitus*. Nessa perspectiva, o *habitus* é um sistema de esquemas individuais, socialmente constituídos e adquiridos pelas experiências práticas do dia a dia (Bourdieu, 1992).

Desse modo, compreende-se que a universalidade da dominação masculina tende a excluir, praticamente, qualquer possibilidade de escolha de modos de vida diferentes ao considerar a “tradição” como historicamente instituída e, dessa forma, uma espécie de lei comportamental. Assim, o homem enxerga a si como um ser universal, onipotente de fato e de direito, estando autorizado pela sociedade a ser nomeado como portador total da condição de ser humano.

Os homens deste estudo, ao serem questionados a respeito da concepção sobre ser homem, apresentaram dificuldades em responder de forma objetiva, enveredando suas respostas ao que Bourdieu refere como uma visão do mundo social baseada na oposição entre o masculino e feminino, num sistema de divisão de oposições homólogas de aplicação universal, continuamente confirmadas pelo curso do mundo, em especial, por todos os ciclos biológicos (Bourdieu, 1995).

Ah! Eu acho que ser homem é ser tudo na vida! [...] Tudo, é fazer tudo que uma pessoa normal faz né! (Saymon, 75 anos)

Olha, pra mim o homem apenas tem que trabalhar mais e fazer mais força. O resto é normal. (Carlos, 75 anos)

O que significa ser homem? Eu não sei o que dizer, bom, Deus deu pra gente o homem e a mulher. O homem é, como se diz, pra trabalhar, pra trazer o sustento pra casa. É, ele é tudo né! (João, 63 anos)

Deve ser, [homem] é ser masculino e a mulher feminino (Luiz Henrique, 87 anos).

Pelos relatos dos homens, se observa que a construção social legitima as concepções e a manutenção das relações de dominação masculina, como relatam Saymon e Oswaldo, “é ser tudo na vida!”, parecendo apontar para uma visão de um ser dominante. Segundo Bourdieu (2016), o trabalho de construção simbólica da visão androcêntrica se realiza e se completa em uma transformação profunda e completa dos cérebros e corpos, em um trabalho de construção prática que tende a excluir tudo que caracteriza pertencer a outro gênero.

Neste sentido, segundo Freitas *et al* (2009), as importantes transformações sociais que vêm ocorrendo no espaço público e privado, sobretudo a partir da década de 1960, afetaram a forma de viver e de construir a identidade de gênero. Aliado a isso, a crise da masculinidade tem levado, desde a década de 1970, um coletivo de homens a refletir sobre sua própria experiência no patriarcado e seu papel no cenário doméstico e nas relações familiares.

Nessa perspectiva, Bourdieu (2016) refere que há um conjunto de disposições inscritas no corpo que são aceitas como inevitáveis, naturais, mas que representam a identidade de superioridade masculina. Acrescenta ainda que os homens também são prisioneiros e, sem perceber, vítimas da representação dominante. Desse modo, ser homem, no sentido de *vir*, implica um “dever-ser” que é evidente por si só, sem discussão. A honra – semelhante à nobreza – está inscrita na forma de se manter de pé, de aprumar o corpo, erguer a cabeça, nas atitudes, nas formas de pensar e agir. Consideradas aptidões nobres, a coragem física e moral são produtos de um trabalho social de dominação, inscritas em uma natureza biológica que se torna um *habitus*.

Contraopondo os outros homens, Paulo refere que:

“Ser homem é uma coisa muito complicada, é muito difícil de ser... Porque ser homem, é ser uma coisa que, na verdade, não existe. Nessa formação a gente determina o que é ser homem, porque a gente aprende que ser homem é mais importante do que ser mulher. Não tem nada a ver! É muito menos, na verdade! É uma metáfora, é um ensinamento que uns passam para os outros. Exatamente o que eu reneguei toda vida, não acho que ser homem é ser alguém mais do que alguém, ser mais poderoso, mais potente. Nunca acreditei nisso! Eu acho que [...] são humanos que tem as mesmas coisas a fazer aqui. [...]. Mas não é aquilo que eu aprendi, aquilo que me ensinaram que devia ser, mas eu nunca fui, eu nunca tive essa abordagem aí! (Paulo, 67 anos)

O relato de Paulo demonstra uma importante mudança na visão social do que é ser verdadeiramente homem (ser superior, mais poderoso, mais importante). Esse homem, oriundo da década de 50, cresceu em um meio rural, não teve oportunidade de frequentar o ensino formal durante muito tempo, contudo, dedicou-se a leituras diversas, o que contribuiu para uma visão ampliada da vida. Ainda, durante sua jornada, dedicou-se à vida pública, ocupando função de destaque no seu município. Desse modo, acredita-se que, a participação ativa em espaços públicos e o contato com os mais diversos tipos de pessoas, o auxiliaram a manter sua crença de igualdade entre os gêneros, alcançando uma visão além do seu tempo, pois, conforme seu relato, os exemplos obtidos no âmbito familiar, diferiam de seu pensar.

Destarte, Bourdieu (2016) considera que o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e essa detém a visão e a divisão oriundas desta realidade. O presente modelo social se aplica a todas as coisas do mundo e, sobretudo, ao próprio corpo. Nesse contexto, a divisão entre os sexos costuma ser usada para falar do que é natural, normal, quase sob a forma inevitável, estando presente nos objetos e espaços sociais e nos corpos, atuando como esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Desta forma, a diferença biológica entre os sexos, ou seja, entre o corpo masculino e feminino, pode ser entendida

como justificativa natural da divisão social do trabalho. Classificadas pela taxonomia oficial como pertencentes ao interior, do baixo, do úmido, às mulheres comumente são atribuídas os trabalhos domésticos:

“[...] aquilo que Deus deu pro homem, logicamente que ele deu pra mulher também, só que não é o mesmo, quer dizer, a mulher é dona de casa, o homem é pra trabalhar pra fora de casa” (João, 63 anos).

Portanto, ao homem, situado no exterior, do público, do alto, estariam reservados as atividades perigosas, breves e espetaculares, como a matança de animais, as colheitas, as atividades de guerra e a lida com instrumentos de fogo (Bourdieu, 1995).

Meu primeiro trabalho foi na lavoura, depois incendiou um galpão que eu tinha e nós ficamos quase sem nada [...]. Iniciei trabalhando de empregado, [...] matando porco, carneando boi, fui aprendendo o ofício. Depois um compadre disse: - vamos fazer um açougue, eu disse: - vamos! Montamos mesmo, e deu certo! [...] Sempre matando boi, carneando, matando, 26 anos sem parar. (Airton, 74 anos)

Desde novo eu trabalhava, tinha uma serraria e um moinho ali mais pra cima, o moinho funcionava de noite, nós cortávamos madeira dos matos pra fazer cepa de tamanco, agora nem existe mais os tamancos, os chinelos de dedo tomaram conta [risos]. (Luiz Henrique, 87 anos)

Eu nasci em Piratini [...] era no interior. Éramos 10 irmãos. Morávamos em um rancho, nosso mesmo. Nós plantávamos milho, feijão, trigo, aveia, fazia a parte da plantação, se cuidava de alguma vaquinha. (Diego, 82 anos)

Na infância era só trabalhar. Eu trabalhei de servente e de agricultor. (Nelson, 74 anos)

Tinha dois mais velhos, tinha um que era meio doente, então quem fazia tudo era eu [...]. Eu trabalhei muito na lavoura! Desde os 11 anos eu já trabalhava, trabalhava pra fora, fazia o meu serviço pra eu ter o meu dinheiro. Sempre tive meus troquinhos pra comprar minhas coisas. (João, 63 anos)

Eu era, como se diz, eu era caminhoneiro, eu era charreteiro, eu fazia um pouco de tudo na rua. Eu trabalhava, não tinha serviço pra mim que não, que eu não gostava. Tudo que aparecia pra eu ganhar dinheiro, era comigo mesmo. (Oswaldo, 75 anos)

Conforme o relato dos homens, o trabalho obtinha papel central na criação dos filhos, estando presente e sendo exigido, desde a mais tenra infância. Pode-se observar ainda, que o espaço onde esse se desenvolve é o meio rural, apesar de alguns enveredarem, mais tarde, por outras profissões, ainda essencialmente masculinas, como o açougue e o transporte de cargas.

Bourdieu (2016) afirma que a dominação também perpassa pela divisão das atividades produtivas, que mantém e atribui aos homens o monopólio das atividades públicas, aquelas de representação (trocas de palavras, participação em eventos públicos, encontros cotidianos), além da troca de desafios e mortes, cujo limite costuma ser a guerra. A esse respeito, Luiz Henrique referiu durante a juventude o trabalho militar como sendo importante na sua formação enquanto homem: “[...] fui pro quartel, fiz um curso pra cabo, tirei o primeiro lugar! Com seis meses eu já era Cabo. E tinha gente demais eu estudo que não conseguiu, eu tirei o primeiro lugar!”

Bourdieu (2016) acrescenta que nos casos em que os homens são designados a ocupar posições dominantes, como uma forma de destino social que dispõe o herdeiro a aceitar sua herança (a exemplo de um primogênito), esta não se constrói de forma natural, mas sim por intermédio de um longo trabalho de socialização, tão indispensável quanto aquele que predispõe a submissão.

Eu sou o mais velho. Nós trabalhávamos todos em casa. Todo mundo unido. Meu pai faleceu cedo, então eu fiquei de chefe. Assumir o papel de chefe foi fácil. Nós sempre fomos uma família concordada, sabe? O que um resolvia estava resolvido. Todos se ajudavam. O que era pra fazer era dentro da obrigação. Todo mundo fazia de tudo. Naquela época a gente tinha o que determinar. Isso de criação obriga muito. (Diego, 82 anos)

Observa-se no relato de Diego que a dominação se perpetua de pai para filho, mas o futuro dominador antes é um ser dominado, que aprende a pensar e a agir de forma a perpetuar está à dominação já instaurada. As estruturas de dominação são produto de um trabalho incessante e histórico de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos, além do homem, com a violência física e simbólica, instituições como a família, a igreja, escola e o próprio estado (Bourdieu, 2016).

Para Bourdieu (2016), cabe à família o papel principal de reprodução da dominação e da visão masculinas, pois é nela que se instituem precocemente da divisão sexual do trabalho (relatada pelos homens deste estudo, sob diversos aspectos), garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto a Igreja, tende a inculcar uma moral baseada nos valores patriarcais, principalmente pela concepção inata de inferioridade das mulheres. Por fim, a escola, continua a transmitir os pressupostos de representação patriarcal, ditando as maneiras de ser e ver, de *se* ver, de representar suas próprias aptidões e inclinações. Quanto ao âmbito educacional, os homens deste estudo referem:

Eu estudei só até o quinto ano do primário só. [...] Depois fui pro quartel [...] Mas eu não aguentei ficar e quis vir me embora, era muito longe! (Luiz Henrique, 87 anos)

Nunca tive no colégio. Sei ler muito pouco e assino meu nome. Eu fui pra Rio Grande, fiz um curso de carpinteiro, e tirei o primeiro lugar nos quase 20 alunos. Era pra estudar na prática e na teoria, também. Eu tirei o primeiro lugar! Eu não sabia ler nem escrever mais eu peça por peça da madeira eu sabia fazer. [...] Sou um cara que nunca tive no colégio mas sou formado. (Saymon, 75 anos)

Escola até tenho pouco tempo porque a gente, os veios não deixavam, porque tiravam a gente mais pro serviço do que pra escola, a gente mais trabalhava quando apertava o serviço, falhava a escola pra trabalhar, ajudar na lavoura, era tudo muito mais difícil. (João, 63 anos)

Eu fui até o quarto ano, depois quando passei pro quinto eu não fui mais. Naquele tempo os pais não deixavam a gente estudar muito porque tinha que ajudar na lavoura. Nós trabalhamos que nem "cavalo". (Airton, 74 anos)

Os relatos dos homens refletem uma realidade comum nas famílias, principalmente naquelas oriundas do meio rural. Nesse contexto, pode-se observar que os homens tiveram poucas oportunidades de estudo, pois o objetivo não era a formação escolar, mas sim, a formação para o trabalho, especialmente o braçal.

Bourdieu (1992) salienta que a função do sistema de ensino é servir de instrumento de legitimação das desigualdades sociais. A escola, longe de ser libertadora, é conservadora e mantém a dominação dos dominantes sobre as classes populares, sendo representada como um instrumento de reforço das desigualdades e como reprodutora cultural, pois há o acesso desigual à cultura segundo a origem de classe.

A escola não seria, então, uma instituição imparcial. O que essa instituição representa e cobra dos alunos são, basicamente, os gostos, as crenças, as posturas e os valores dos grupos dominantes, dissimuladamente apresentados como cultura universal (Bourdieu, 1998).

Nessa perspectiva, para Bourdieu (1998), a escola cobra que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da "boa educação". Contudo, essas exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente (na família) socializado nesses mesmos valores.

No que tange aos relacionamentos, os homens referem:

Não gostava de baile, de festa. Sempre fui muito caseiro. A gente vai tendo os encontros, não é? [sobre como conheceu a esposa] Nós nos encontramos, nos acertamos, né. Eu já não era tão novo quando conheci ela, tinha mais de 20 anos, ela é mais nova, [...] então a gente se encontrou, é que a gente foi tomando conhecimento através de reunião, eu não era de festa, geralmente as pessoas se conhecem em festa, mas eu nunca gostei disso. A gente conhecia as pessoas através de casamentos, de reuniões. Eu na realidade não sou muito dessa área não é? Vamos

dizer que a gente já é meio xucro [risos]. (Diego, 82 anos)

Quando eu conheci ela [a esposa], ela tinha uns 12, 13 anos por aí. Eu tinha uns 20 já. Eu namorei mais umas antes, eu namorei uma porção de gurias mas namorei assim de baile, depois nem vi mais, namoro assim de passada. Eu gostava de baile e dançava, muitas vezes o pessoal dizia que nós era o melhor par, o par mais dançador que tinha no baile! (Saymon, 75 anos)

Gostava de baile, cantava e dançava muito nos bailes, dançar era a primeira coisa, começava a música eu já estava na pista. Namorar era um pouco só, de vez em quando assim, uma não dava pra passar toda noite que outra já estava espiando. Eu tinha uns 20 anos mais ou menos. (Nelson, 74 anos)

Ah! Eu gostava muito de sair quando era novo. Às vezes, abaixo de chuva, de tormenta tinha que sair igual. [...] Ah! E eu ia pros bailes. Tinha baile ali, tinha baile lá, tudo que era lugar tinha baile. (Airton, 74 anos)

Observa-se que a incursão nos relacionamentos amorosos iniciava-se na juventude, em que a principal forma de envolvimento com o sexo oposto ocorria no ambiente de festa/baile. Ainda, é comum nos relatos de Nelson e Saymon o apontado por Bourdieu, no tocante ao contar vantagem das diversas relações amorosas – “*eu namorei uma porção de gurias*” (Saymon, 75 anos); “*uma não dava pra passar toda noite que outra já estava espiando*” (Nelson, 74 anos).

Bourdieu (2016) salienta que moças e rapazes têm pontos de vista diferentes sobre as relações amorosas, na maioria das vezes, pensadas pelos homens, na lógica da conquista, o que pode ser visto, por exemplo, em uma roda de amigos, na qual os homens costumam “contar vantagem”. Embora ocorram variações nas concepções, tendo por base a posição social, a idade e as experiências anteriores, as práticas sexuais costumam ser diferentes para os homens e mulheres.

Nessa perspectiva, conforme Bourdieu (1995) é na juventude que ocorrem os chamados ritos de instituição, que visam instaurar, perante a sociedade, os meninos que já receberam a “marca distintiva” (grifo do autor) e os que ainda não a receberam por serem muito jovens. Tais ritos visam a destacar os signos exteriores conformes a sua distinção sexual (de homem ou mulher) ou estimular as práticas que convêm a seu sexo.

Assim, os meninos passam por um processo de ruptura da simbiose materna, buscando afirmar uma identidade sexual própria, que é expressa e explicitamente acompanhada e, até mesmo, organizada pelo grupo que, por meio de uma série de ritos de instituição sexuais, orientados a virilização (esportes e jogos viris, caça, iniciação sexual) encorajam a ruptura com o mundo materno (Bourdieu, 2016).

Destarte, Bourdieu (2016) acrescenta que algumas formas de “coragem” (grifo do autor), como a participação em atividades ilícitas, brigas e, até mesmo, em atividades laborais com risco de vida, à exemplo da construção civil, são encorajadas pelo grupo, o que leva muitos homens a recusar medidas de prudência, negando e desafiando o perigo afim de provar sua bravura. Acredita-se que nessas formas de exibição de “coragem” também possa ser acrescido o uso abusivo de álcool, como citado por Oswaldo, Saymon e João:

Olha, eu era muito mundano. Antes de me casar e depois de me casar a coitada da minha mulher velha que sofreu comigo [risos]. Então eu ia pros botecos, bebia, tomava porre, eu tomava coisa demais! Chegava tomar dois porres por dia! [...] Eu quando era bêbado, nojento, eu podia ter feito muito inimigo. Mas eu nunca tive! Não sei se era amigo de copo ou eles não faziam nada porque eu pagava, ou eles me pagavam, não sei! Nunca fiquei violento. Isso tem um detalhe. O cara bêbado quer ser homem na marra. É onde que ele leva a pior. (Oswaldo, 75 anos)

Naquele tempo eu tinha vício, bebia meus tragos, era meio doidão. Vim a ficar assim aqui, não era lá fora, mas aqui, eu comecei a beber mais. Eu bebia mais nas festas, nesses negócios assim, nos ia muito em festa. [...] Eu era muito louco! Mas não era droga viu, eu bebia, bebia quando ia a festa mas não era de andar caindo. Eu nunca briguei. Com a bebida eu ficava é meio corajoso. (João, 63 anos)

E beber, eu bebi desde os 16, 17 anos até uns 60 anos, mas nunca me embebedei na vida. Nunca me viram bêbado, nunca tomei um porre de fazer bobagem, nunca na vida. (Saymon, 75 anos)

Observa-se nos relatos dos homens, que o consumo de bebidas alcoólicas fazia parte do cotidiano, principalmente para

João e Saymon. Contudo, Oswaldo relata os “excessos” cometidos desde a juventude, acrescidos ainda de traições frequentes à esposa: “*eu era muito mundano*”. Pode-se observar ainda que ambos referem que o consumo de bebidas alcoólicas tende a tornar o homem corajoso, predispondo o envolvimento em brigas. Estes resultados corroboram com autores que descrevem que o consumo de álcool integra a identidade cultura masculina, sobretudo no Brasil (Zanchetta et al., 2021)

Bourdieu (2016) corrobora com esses resultados, pois muitas dessas condutas de bravura tem seu princípio no medo de perder a estima ou consideração do grupo, de ser considerado menos homem, fraco. Assim, a exposição a situações de potencial risco e a adoção de atitudes violentas tem por base o medo viril de ser excluído do mundo dos homens sem fraqueza. Tal medo predispõe inclusive um menor cuidado com a própria saúde. Por se considerarem invulneráveis, quaisquer sinais de adoecimento tendem a ser suprimidos e negados.

Esse tema abordou o ser homem a partir de uma construção social e cultural, identificando como sentidos atrelados ao adoecimento as concepções de que ser homem é tudo, fazer tudo, trabalhar mais, fazer mais força, trazer o sustento para a casa. Ainda, o trabalho teve papel central durante todo processo, estando presente desde a infância, em detrimento do ensino formal. Assim sendo, compreende-se que a formação de ser homem, para os participantes deste estudo, também perpassou pela apreensão da vivência da “gauchidade”, uma vez que esta, como todas as outras identidades, não está dada naturalmente, mas se constrói por meio de marcas corporais e experiências cotidianas.

4. Considerações Finais

O significado de ser homem revelou a construção social e a superioridade masculina diante do feminino. O ser homem foi relacionado ao sustento da casa e a força física. Tal visão de superioridade costuma ser uma construção social e cultural perpassada por gerações. Nessa perspectiva, tais demonstrações de superioridade, de coragem e nobreza seriam socialmente esperadas do verdadeiramente homem.

A maioria dos participantes deste estudo é oriunda do meio rural do Rio Grande do Sul, os quais possuíam o nível educacional na média de quatro anos de estudo. Vários homens referiram que o trabalho braçal foi considerado a base de sua educação, em detrimento do ensino formal. Assim, pode-se inferir que a atividade laboral obteve papel central na constituição de cada homem. De toda forma, apesar de se desenvolverem no meio rural, poucos permaneceram nesse ambiente após a adolescência.

As incursões nas relações amorosas iniciaram-se na juventude. Essas relações costumavam ser pensadas na lógica da conquista de várias mulheres. Ainda, a participação em jogos de azar, o gosto por atividades esportivas de contato físico e o excesso de consumo de álcool, atividades reforçadas pela sociedade como forma de exibição de coragem e virilidade, também foram relatadas. Diante do exposto, acredita-se que as concepções sociais de dominação masculina influenciam a forma como os homens vivem, tendo em vista que sua constituição de identidade psicossocial marcada por valores, comportamentos e atitudes socioculturalmente construídos.

Acredita-se que a presente pesquisa venha a contribuir para a construção de novos conhecimentos, pois analisar os diversos âmbitos que compreendem a experiência de adoecer por câncer de próstata pode auxiliar os profissionais da saúde na instrumentalização de uma prática assistencial que realmente contemple a multidimensionalidade do câncer. Além disso, fica evidente a importância de que outros estudos sejam desenvolvidos, oportunizando a todos os sujeitos envolvidos neste processo, um momento de intensa reflexão frente à suas vidas e a práxis cotidiana.

Referências

Alves, F. K & Schimanski, E. (2013). Saúde do homem e masculinidades em espaços de pobreza. *Revista Magistro*, 2(12): 151-169. <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/3095/1468>

- Antunes, L. O. P. (2003). *Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade*. [Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.] <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3707>
- Bonilha, L. B., & Lima, L. P. (2021). Gênero e Educação Infantil: Uma Pesquisa Documental de Políticas Públicas Federais. *Diversidade E Educação*, 8(2), 177–201. <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.12056>.
- Bourdieu, P. F. (2016). *A dominação masculina*. (3a ed.), BestBolso.
- Bourdieu, P. F. (1992). *A reprodução*. Francisco Alves
- Bourdieu, P. F. (1998). *Escritos de Educação*. Vozes
- Bourdieu, P. F. (1995). A dominação Masculina. *Educação & Realidade*, 20(2):133-184. <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71724/40670>
- Brasil (2008). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem - princípios e diretrizes*. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2008. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_homem.pdf
- Brasil (2012). Ministério da Saúde. *Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012 – Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, 2012. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qual Res Psychol*; 3(2):77–101. doi:10.1191/1478088706qp0630a.
- Cesaro, B. C. de, Santos, H. B., & Silva, F. N. M. (2018) Masculinidades inerentes à política brasileira de saúde do homem. *Rev Panam de Salud Publica*. 42:e119. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.119>
- Coutinho, S. M. S., Dalla, M. D. B., Rigotti, A.C., Maciel, J. P. V., & Bonomo, V. M. (2014). “Por que os homens não cuidam da saúde?” A saúde masculina na perspectiva de estudantes da área da saúde. *Rev. APS*. 17(2): 167 – 179. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15215/8029>
- Couto, M. T., Pinheiro, T. F., Valença, O., Machin, R., Silva, G. S. N., Gomes, R., Schraiber, L. B., & Figueiredo, W. S. (2010). O homem na atenção primária à saúde: discutindo (in)visibilidade a partir da perspectiva de gênero. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 14(33): 257-270. 10.1590/S1414-32832010000200003.
- Figueiredo, W. S. (2005). Assistência à saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária. *Ciênc saúde coletiva*, 10 (1): 105-109. 10.1590/S1413-81232005000100017.
- Freitas, W. M. F., Silva, A. T. M. C., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T., & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev Saúde Pública*; 43(1):85-90. 10.1590/S0034-89102009000100011
- Gomes, R., Nascimento, E. F., Rebello, L. E. F. S., & Araújo, F. C. (2008). As arranhaduras da masculinidade: uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(6):1975-1984. 10.1590/S1413-81232008000600033
- Gomes, R., Rebello, L. E. F. S., & Nascimento, E. F. (2010). *Medos sexuais masculinos e política de saúde do homem: lacunas e desafios*. In: Medrado, B.; Lyra, J.; & Jullyane, B. (Org.). *Homens e Masculinidades: práticas de intimidade e políticas*. Instituto Papai.
- Lima, E. D., Oliveira, J. R. V., Santos, I. M. S., Santiago, T. R. S., & Alexandre, M. E. S. (2013) *Saúde do homem e masculinidade: uma reflexão a partir das questões de gênero*. IV Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, UFPB. <http://www.itaporanga.net/genero/4/gt03/17.pdf>
- Martínez-Gómez, M. L., Gallo-Restrepo, N. E., & Puerta-Henao, E. (2021). Satisfacción en los servicios de salud sexual y reproductiva: perspectiva de jóvenes. Medellín-Colombia. *Hacia la Promoción de la Salud*, 26(2), 161-174. <https://doi.org/10.17151/hpsal.2021.26.2.12>
- Minayo, M. C. S. (2015). “Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta”. In: Deslandes, S. F.; Gomes, R.; Minayo, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (34a ed.), Vozes.
- Santos, F. K. L., Pessoa, B. G. F., Silva, R. A., Silva, L. D., Araújo, N. J. C., Monte, L. M. I. & Nascimento, E. F. (2020). Rape culture: chauvinismo manifest in music charts. *Research, Society and Development*, 9(7): 1-13, e370974097.
- Scott, R. P. (2010). *Homens, domesticidade e políticas públicas na saúde reprodutiva*. In: Medrado, B.; Lyra, J., & Jullyane, B. (Org.). *Homens e Masculinidades: práticas de intimidade e políticas*. Instituto Papai.
- Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021) Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciênc. saúde coletiva* 26(10):4613-4622. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>
- Souza, L. V. S. A., Silva, J. O., Nodari, P. R. G., Alencar, B. T., Silva, R. B., & Aleixo, M. L. N. (2022). Desafios da implementação da Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem em Mato Grosso. *Research, Society and Development*, 11(2) e5311225354. 10.33448/rsd-v11i2.25354.
- Zanchetta, M. S., Felipe, I. C. V., Spezani, R., Finamore, V., & Bergeron, C. (2021). Homens lusófonos, consumo de álcool e riscos de câncer: Sob a influência cultural da masculinidade. *Research, Society and Development*, 10(7) e29410716530. 10.33448/rsd-v10i7.1653